

## **PRETOS VELHOS E GRAMILLEROS, MAMAS VIEJAS E PRETAS VELHAS: Ressignificando o ensino de língua estrangeira – espanhol**

PRETOS VELHOS AND GRAMILLEROS, MAMAS VIEJAS AND PRETAS  
VELHAS: Reframing foreign language teaching in spanish

**Ana Caroline da Silva Santos**<sup>1</sup>

<https://orcid.org/0000-0002-4489-5905>

**Alexandre Osaniyi**<sup>2</sup>

<https://orcid.org/0000-0002-1556-4373>

**Lidyane Maria Ferreira**<sup>3</sup>

<https://orcid.org/0000-0003-0990-2249>

### **RESUMO**

No presente texto apresentaremos as Mamas Viejas e Gramilleros do Candombe uruguaio e os Pretos e Pretas velhas da Umbanda, com vistas a: (i) traçar semelhanças entre arquétipos negros, símbolos de resistência cultural e religiosa; (ii) pontuar contribuições do Candombe e da Umbanda para aulas de Língua Espanhola; (iii) relatar uma experiência de atividade que demonstra na prática os conceitos apresentados. A partir de uma metodologia de pesquisa bibliográfica que discute conceitos como ancestralidade, resistência e religiosidade com base em teóricos como: Eduardo Oliveira, Lélia Gonzalez, Ordep Serra, entre outros, o estudo se desdobra numa mironga epistemológica, que nos dá subsídios para contribuir e ressignificar o aprendizado de língua estrangeira (Espanhol), buscando efetivar a Lei 10.639/03.

**Palavras-chave:** Língua estrangeira-Espanhol. Candombe. Umbanda.

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras com habilitação Língua Portuguesa/Língua Espanhola pela Universidade Estadual de Santa Cruz, especialista em Ensino de Língua Espanhola pela Universidade Cândido Mendes, mestranda em Ensino e Relações Étnico-raciais (PPGER) pela Universidade Federal do Sul da Bahia – Campus Sosígenes Costa e professora efetiva da rede pública estadual de ensino da Bahia. E-mail: ss.carol@hotmail.com.

<sup>2</sup> Trata-se de Alexandre de Oliveira Fernandes. Doutor em Ciências da Literatura (UFRJ). Professor de Língua Portuguesa e Literatura do IFBA/Porto Seguro. Coordenador do Grupo de Pesquisas em Linguagens, Poder e Contemporaneidades – GELPOC. Professor permanente no Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade PPGREC/UESB/Jequié. Professor permanente no Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnicas - PPGER, da Universidade Federal do Sul da Bahia - UFSB. E-mail: alexandre.pro@gmail.com.

<sup>3</sup> Professora Adjunta no Instituto de Humanidades, Artes e Ciências, do Centro de Formação em Humanidades e no mestrado profissional em Ensino e Relações Étnico-raciais da Universidade Federal do Sul da Bahia – Campus Sosígenes Costa. Graduada em Ciências Jurídicas e Sociais pela Universidade Federal da Paraíba, Mestre em Ciências Jurídicas – Área de concentração em Direitos Humanos, por esta mesma Universidade. Doutora em Direitos Fundamentais no Mundo Global, pela Università di Camerino. E-mail: lidyane.ferreira@csc.ufsb.edu.br.

## ABSTRACT

In this study, we will present the Mamas Viejas and Gramilleros of the Uruguayan Candomblé and the old Black of Umbanda, aiming to drawing similarities between black archetypes, symbols of cultural and religious resistance. It also brings contributions from Candombe and Umbanda to Spanish Language classes and reports an activity experience that demonstrates the some concepts related to the area. This study uses a bibliographic research methodology that discusses concepts such as ancestry, resistance and religiosity, based on theorists such as Eduardo Oliveira, Lélia Gonzalez, Ordep Serra, among others. This research gives us subsidies to contribute and reframing the teaching of Spanish as a foreign language, seeking to implement Law 10.639 / 03.

**Keywords:** Spanish as a Foreign Language. *Candombe. Umbanda.*

### 1. SARAVÁ: INICIANDO A GIRA<sup>4</sup>

Vamos iniciar essa “gira decolonial”<sup>5</sup> pedindo “agô” aos mais velhos e aos mais novos. Saudando a nossa ancestralidade, reconhecendo a sua importância para estarmos nesse lugar que por muito tempo foi um lugar de exclusão de saberes. Pedimos a sabedoria das pretas e pretos velhos, para que possam nos orientar nesse caminho que outrora era lugar de “sinhô” e preto não podia entrar.

Agora que esse caminho de conhecimentos está deixando de ser único e se tornando uma encruzilhada, adentramos nesse território de múltiplas possibilidades trazendo as Mamás Viejas e Gramilleros, Pretas velhas e Pretos velhos para fazer uma mironga epistemológica na qual podemos riscar nosso ponto, traçando semelhanças entre arquétipos negros que são símbolos de resistência cultural e religiosa.

Para que a leitora/o leitor possa compreender a importância desses arquétipos negros para a manutenção da cultura, religiosidade e saberes, apresentaremos um pouco da história de cada um deles. Essa pode ser uma das formas de trazer novos olhares, sem preconceitos e estereótipos, levando à percepção da relevância dessas personagens para a construção identitária da América Latina.

---

<sup>4</sup> Os títulos que utilizaremos não são os ditos tradicionais, pois procuramos desenvolver uma outra mirada, outra nomenclatura, mais relacionada com o processo da gira decolonial que estamos elaborando.

<sup>5</sup> Utilizamos o termo gira decolonial fazendo referência às giras realizadas nos terreiros de Umbanda. Nesse processo, importa inserir conceitos que remetem a ancestralidade para decolonizar os espaços formais de educação, trazendo os saberes outrora fadados a marginalidade para (re)constituir as epistemologias.

A quebra desses padrões racialistas pode nos auxiliar a trazer ao ensino de Língua Espanhola novas perspectivas e possibilidades de inserção dos saberes que outrora estavam à margem da educação formal que sempre foi pautada no eurocentrismo.

## **2. ANCESTRALIDADE E AXÉ DAS MAMÁS VIEJAS E GRAMILLEROS: INVOCANDO OS ANCESTRAIS AFRO-URUGUAIOS**

No século XVII, nas muralhas de Montevideo, os tambores tocavam convocando etnias de vários povos africanos para se reunirem e rememorar suas práticas ancestrais. Essa prática é realizada até hoje, no movimento cultural e artístico denominado Candombe.

Na manifestação cultural Candombe, existem algumas personagens que, apesar do tempo, não foram apagadas da memória dos amefricanos<sup>6</sup> que dão vida às práticas herdadas dos seus ancestrais. As Mamás Viejas e os Gramilleros são essas personagens que “incorporam” nos afrouruguaiois mantendo acesso não somente o fogo que aquece os tambores, mas também a africanidade que pulsa dentro dos corações que seguem o toque dos atabaques.

Os tambores tocam e a cada batida nossos ancestrais se apresentam trazendo seu axé, sua força e toda a sabedoria para que os seus descendentes encontrem o necessário para seguir resistindo em suas lutas cotidianas. A herança intelectual, cultural e religiosa africana que conhecemos até o presente momento, chegaram até nós através desses encontros e são perpetuadas dentro da memória daqueles que ouviram dos seus ancestrais a importância da manutenção das suas culturas, crenças e valores.

Após deixarem de se reunir nas muralhas de Montevideo, nossos ancestrais passaram a se encontrar nas chamadas Salas de Nação. Era nesses locais que toda a africanidade podia ser externada sem os olhares preconceituosos daqueles que não compreendiam suas práticas, rememorando sua ancestralidade.

---

<sup>6</sup> Para Lélia Gonzalez, a categoria de “Amefricanidade” incorpora todo um processo histórico de intensa dinâmica cultural (adaptação, resistência, reinterpretação, e criação de novas formas) que é afrocentrada. (GONZALEZ, 1988, p. 76)

Aqui, Ancestralidade é, então, mais que um conceito ou categoria do pensamento. Ela se traduz numa experiência de forma cultural que, por ser experiência, é já uma ética, uma vez que confere sentido às atitudes que se desdobram de seu útero cósmico até tornarem-se criaturas nascidas no ventre-terra deste continente metafórico que produziu sua experiência histórica, e desse continente histórico que produziu suas metonímias em territórios de além-mar, sem duplicar, mas mantendo uma relação trans-histórica e trans-simbólica com os territórios para onde a sorte espalhou seus filhos (OLIVEIRA, 2012, p. 39).

É a partir da manutenção das histórias, através da oralidade, que os negros escravizados e libertos conseguiam transmitir sua herança cultural e religiosa. A ancestralidade, percebida através dos arquétipos de Mamás viejas e Gramilleros conseguiu manter algumas tradições africanas vivas no território uruguaio.

A descrição dos arquétipos se iniciará com a Mamá Vieja. Essa personagem era representada por boleiras, lavadeiras, costureiras e tantas outras profissões que as mulheres negras desempenhavam quando o candombe teve início, mas a ama de leite era a “profissão” que mais se assemelhava as figuras anciãs que incorporavam e traziam com elas sabedoria e doçura, conseguindo transmitir oralmente suas histórias, rezas e cantos africanos.

Os Gramilleros também são figuras de muita importância para o Candombe. O nome gramillero vem de gramíneas, são as ervas que curam. Essa personagem traz consigo uma maleta repleta de ervas que tem o poder de curar. Sempre de barba branca e bengala para representar a idade avançada e com ela a sabedoria. Traz consigo o poder, os segredos dos curandeiros africanos.

Eduardo Oliveira nos convida a pensar que “cultura, doravante, será o movimento da ancestralidade (plano de imanência articulado ao plano de transcendência) comum a esses territórios de referência” (OLIVEIRA, 2009, p. 03). Podemos a partir dos traços desses arquétipos dos ancestrais afrouruguaio, perceber a semelhança da ancestralidade que acompanham arquétipos afro-brasileiros que encontram sua representação na Umbanda, nesse movimento ancestral comum entre afro-brasileiros e afro-uruguaio.

### **3. A BENÇÃO DAS PRETAS E PRETOS VELHOS DA UMBANDA: BAIXANDO OS ARQUÉTIPOS ANCESTRAIS AFRO-BRASILEIROS**

---

A Umbanda é uma religião de matriz africana que está presente em todo o território do Brasil. Conhecida por ser uma religião que consegue representar a formação do povo brasileiro, ela possui uma ritualística que comporta catolicismo, pajelança e adoração aos Orixás. Sua base espiritual está alicerçada em caboclos, erês e pretos velhos.

Na umbanda, o ideal eclético remodela antigos sincretismos. Este ideal corresponde a um projeto consciente, a um desiderato, a um empenho decidido de interligar elementos religiosos de distintas origens, com vistas a uma síntese, a um credo conciliador universal. Já o sincretismo é espontâneo, e muitas vezes inconsciente. Não constitui, de forma necessária, uma doutrina (SERRA, 2001, p. 219).

Nesse trabalho, no que se refere a Umbanda, nos interessa perceber as características ancestrais que são preservadas através das pretas e pretos velhos, pois é através desses arquétipos que muitas rezas, cantos e histórias são rememoradas e avivadas dentro do imaginário popular e transmuta-se muitas vezes em atos de fé.

No campo das influências religiosas explica-se melhor o termo candomblé na Bahia e as manifestações de macumba e umbanda, mais integradas no processo de síntese pluricultural brasileiro por isso mesmo menos ortodoxos no uso de um vocabulário de base africana. No campo das manifestações folclóricas brasileiras, a maior frequência de nomes bantos (CASTRO, 1983 p. 103).

Um dos significados da palavra Umbanda se refere a uma língua banta falada em Angola e significa “curandeiro”. Para os adeptos desse culto, a Umbanda traz a cura para os males do corpo e do espírito. Fato que nos remete a cosmogonia africana, que não vê o físico separado do espiritual. Tudo está interligado. Essa é, por exemplo, a forma como os Dogons<sup>7</sup> veem os signos.

---

<sup>7</sup> A definição de signo Dogon é resultado dos princípios cunhados no processo civilizatório africano. Nesse caso falamos do Princípio de Integração onde cada parte está ligada ao todo e o todo é o conjunto de cada parte (mas a soma de cada parte com as outras não é o todo) ao mesmo tempo em que cada parte é um todo em si mesmo na totalidade da singularidade. (OLIVEIRA, 2009, p. 05)

As pretas e pretos velhos chegam devagar no momento da gira, em passos lentos, coluna encurvada e, quando sentam em seus banquinhos para dar as “consultas”, a fala é mansa, os conselhos são dados de forma carinhosa e muito eficazes. Na Umbanda, eles são considerados por algumas pessoas como curandeiros e por outras como psicólogos. Essas características se assemelham às descritas por pesquisadores de outras partes do Brasil, como descreve Serra em sua observação em terreiros de Brasília.

Os pretos-velhos correspondem ao estereótipo romântico do bom crioulo, do Pai João. Assim como os caboclos conversam entre si em supostas línguas indígenas, os cacurucai usam um patuá semelhante a um pidgin luso-africano. O predicado essencial que os umbandistas lhes atribuem é a ciência mágica, em que seriam doutores consumados: muitos pretos-velhos se identificam como antigos chefes de terreiros. Têm uma postura característica: apresentam-se encurvados, vacilantes, incapazes de manter-se de pé por muito tempo: não dispensam um tamborete (SERRA, 2001, p. 227).

É interessante citar que além das histórias do cativo que muitas/os contam durante os aconselhamentos, os nomes que os espíritos dos pretos velhos que fazem parte desses falanges utilizam são exatamente como eram dados aos negros na época da escravidão, quando recebiam o primeiro nome cristão e o segundo era de acordo a sua origem, como por exemplo, João de Angola e Maria do Congo.

Percebemos ao entrar em contato com uma preta velha ou um preto velho o quanto nossas memórias ancestrais são reavivadas, trazendo a nossa reflexão elementos que outrora não tínhamos conhecimento, mesmo sendo relatos sobre nossa ancestralidade. Nesse aspecto, falamos aqui de ancestralidade conforme o conceito elaborado por Eduardo Oliveira, segundo quem ancestralidade é:

Uma categoria analítica que se alimenta da experiência de africanos e afrodescendentes para compreender essa experiência múltipla sob um conceito que lhe dá unidade compreensiva, sem reduzir a multiplicidade da experiência a uma verdade, mas, pelo contrário, abre para uma polivalência dos sentidos (OLIVEIRA, 2009, p. 04).

Nessa multiplicidade de sentidos, cabe a nós, perceber que independentemente de estarmos falando de ritos culturais ou religiosos, o

inegável é constatar que as figuras ancestrais apresentadas nesse texto trazem consigo como elementos de resistência, a perpetuação das histórias, tradições e culturas dos nossos ancestrais de África e sua diáspora.

#### **4. LINHAS CRUZADAS: O ENTRE-LUGAR DOS ARQUÉTIPOS ANCESTRAIS AMERICANOS**

O objetivo agora é pensar o cruzamento dessas linhas a partir do conceito elaborado por Lélia Gonzalez ao constatar que o valor metodológico da Amefricanidade “está no fato de permitir a possibilidade de resgatar uma unidade específica, historicamente forjada no interior de diferentes sociedades que se formaram numa determinada parte do mundo”. (GONZALEZ, 1988, p. 77) O sistema denominado etnogeográfico por Lélia Gonzalez é uma criação nossa e dos nossos antepassados.

A partir dos aspectos apresentados nesse texto, e, conectando com o conceito de amefricanidade, podemos fazer um paralelo entre as semelhanças entre essas manifestações cultural e religiosa.

Montaño (2009) nos indica que na época colonial o Candombe era um ritual e não um desfile como conhecemos hoje. Pouco sabemos sobre como eram os rituais, mas os traços de identidade que permaneceram nos possibilitam traçar essas semelhanças.

Em cada sala tinha lugar o culto às entidades religiosas que haviam conseguido manter vivas apesar de tanta repressão; em alguns casos, reproduziram imagens, realizadas por artistas crus, como aponta Marcelino Bottaro. Um dos cultos mais interessantes é o dedicado a São Benedito ou a São Baltazar, considerados como patronos em muitas destas Salas de Nação. Na época colonial, as comemorações de São Baltazar (que era comemorada a cada dia 06 de janeiro), luziam com toda a pompa que era possível, por isso é presumível que se tratasse da evocação de uma deidade altamente significativa dentro do santuário africano<sup>8</sup> (MONTAÑO, 2009, p. 78 –tradução nossa).

---

<sup>8</sup> “En cada sala tenía lugar el culto a las entidades religiosas que habían logrado mantener vivas a pesar de tanta repressão; en algunos casos, reprodujeron imágenes, realizadas por “crudos” artistas, como apunta Marcelino Bottanero. Uno de los cultos más interesantes es el dedicado a San Benedito o a San Baltasar, considerados como patronos en muchas de estas Salas de Nación. En la época colonial, las conmemoraciones de San Baltasar (que tenía lugar en 06 de enero), lucían toda la pompa que era possible, por lo que es presumible que se tratase de la

Esse fragmento do texto de Oscar Montañó nos indica uma semelhança entre o início do Candombe afro-uruguaio e as religiões de matriz africana como a Umbanda: O sincretismo. Assim como nos dá o mote para percebermos que realmente o Candombe se tratava a princípio de um movimento ligado à religiosidade.

A figura da Mamá vieja também se assemelha com as caracterizações das Pretas Velhas da Umbanda. Ambas se apresentam como negras, idosas, usam lenços nas cabeças e saias rodadas.

Quanto aos Gramilleros temos as semelhanças com os pretos velhos que são negros, idosos, usam bengalas. Com relação a utilização das folhas para tratar os males do corpo e da alma, se iguala tanto as pretas velhas, quanto aos pretos velhos. Para Isabel “Chabela” Rodriguez, diretora do grupo cultural Afrogama, em entrevista à revista *Conexión USA*, o gramillero é o dono das folhas, por isso, ele é o que cura. Isso nos dá a dimensão da importância dessas personagens para a representação da cultura africana.

Ainda podemos citar as relações entre os tambores que no Candombe eram utilizados para fazer a chamada dos negros para se encontrarem em determinado local e na Umbanda são utilizados para chamar as entidades para “descerem” na gira.

Ao percebermos essas semelhanças podemos confirmar a oralidade sendo utilizada como manutenção da cultura e resistência, cruzando ancestrais afro-brasileiros e afro-uruguayos. Lélia Gonzalez (1988), relata que pela oportunidade que teve de ter contato com manifestações negras de outros países do continente, ela pode notar as similaridades no que se refere aos falares que lembram o Brasil.

O caráter tonal e rítmico da língua africanas trazidas para o Novo Mundo, além da ausência de certas consoantes (como o L ou o R, por exemplo) apontam para um aspecto pouco explorado da influência negra no aspecto histórico cultural do continente como um todo (e isto sem falar nos dialetos crioulos do Caribe). Similaridades ainda mais evidentes são constatáveis se o nosso olhar, volta para as músicas, as danças, os sistemas de crenças, etc. (GONZALEZ, 1988, p. 70)

---

evocación de una deidad altamente significativa dentro del santuario africano”. As traduções presente nesse artigo são de nossa responsabilidade”.

---

Podemos perceber que os atos de resistências dos povos africanos que foram obrigados a aportar nesse continente, conseguiram manter viva boa parte das suas práticas. Além disso, construíram semelhanças entre os territórios que habitaram, formando assim, os amefricanos, descendentes de África.

Os espaços onde ocorre esse fluxo, seja no terreiro como é o caso da Umbanda ou nas ruas como o Candombe, são espaços vivos, repletos de saberes, referências e histórias.

## **5. DEFUMANDO O ENSINO DE LÍNGUA ESPANHOLA ATRAVÉS DA ANCESTRALIDADE**

O ensino de Língua Espanhola foi marcado por muito tempo por perspectivas eurocentralizadas, que tinham o idioma falado na Espanha como o puro, estândar e, por esse motivo, deveria estar presente nas salas de aulas.

Pensar que a Língua Espanhola é a língua oficial em vinte e um países e considerar que o idioma falado no país que colonizou todos os outros e impôs o idioma como língua materna é o único válido, é uma forma violenta de perpetuar a colonização e marginalizar toda a influência dos outros povos que fizeram parte da formação desses países.

A contribuição dos povos nativos das terras colonizadas, assim como dos negros que vieram da África escravizados, fez com que o idioma falado nesses territórios fosse constituído de muitas variações, fato que deixa o idioma tão rico. Porém, o racismo que existe nos países colonizados não permite o reconhecimento dessas contribuições.

Podemos trazer para as aulas de Língua Espanhola os elementos que outrora estavam na marginalidade, como falares, saberes e histórias contadas através de uma outra perspectiva que não a do colonizador. Inserir nas aulas de língua espanhola essa memória que permaneceu viva através dos arquétipos negros apresentados nesse texto é uma das formas de reconhecer as contribuições dos nossos ancestrais.

Entre os temas transversais que podem ser trabalhados no ensino de língua estrangeira moderna está a Pluralidade Cultural que pode ser uma aliada

para trazer os saberes que permaneceram por muito tempo fora das instituições formais de ensino, para que o aluno perceba não só o leque cultural muito amplo, mas a complexidade que existe na formação identitária dos povos africanos.

Podemos apresentar às educandas e educandos a ancestralidade a partir das categorias apresentadas por Eduardo Oliveira (2007). Segundo o autor, a ancestralidade possui categoria de relação, “pois não há ancestralidade sem alteridade. Toda alteridade é antes uma relação, pois não se conjuga alteridade no singular. O Outro é sempre alguém com o qual me confronto ou estabelecimento de contato” (OLIVEIRA, 2007, p. 257). No ensino de Língua Espanhola, em todo o tempo, existe o contato com o outro, podendo ou não haver conflitos a partir da relação que se estabelece com o que é aprendido.

Essa categoria se desdobra em categoria de ligação, pois a “maneira pela qual os parceiros de uma relação interagem dá-se via ancestralidade. Nesse sentido, a ancestralidade é um território sobre o qual se dão as trocas de experiências: sócio-culturais, materiais, linguísticas etc.” (OLIVEIRA, 2007, p. 257). A proposta é traçar essa relação de troca de experiências, a saber, a experiência de luta e resistência que acontecem por via cultural ou religiosa no Brasil e Uruguai.

Ainda nos diz que a ancestralidade é também uma categoria de inclusão, afinal “por que ela, por definição, é receptadora. Ela é o mar primordial onde estão as alteridades em relação. A inclusão é um espaço difuso onde se aloja a diversidade” (OLIVEIRA, 2007, p. 257). E, baseada nessa diversidade podemos incluir a experiência africana em solo americano através do Candombe e da Umbanda nas aulas de língua espanhola. Incluindo o que antes estava à margem das epistemologias aceitas nas áreas da educação formal.

### **5.1. Mirongando com as Mamás Viejas e Gramilleros**

Para uma melhor exemplificação sobre a discussão realizada nesse texto e comprovando que existe a possibilidade de trazer à prática tais teorias, apresento o relato de uma das atividades executadas no curso de curta duração, “Preparação de discentes para o exame de proficiência em Língua Espanhola numa perspectiva decolonial”, que foi desenvolvido na Universidade Federal do Sul da Bahia – UFSB. Esta atividade está ligada ao projeto de mestrado em

Ensino e Relações Étnico – Raciais/PPGER/UFSB, intitulado “Ancestralizar o ensino de Espanhol: Mirongando com as Mamás Viejas e Gramilleros”.

A metodologia utilizada para o desenvolvimento das atividades do curso foi a “mironga epistemológica”, a qual traz consigo práticas das pretas e pretos velhos da Umbanda para o espaço escolar. Tendo como base para tal atividade os estudos decoloniais, entre os objetivos que se pretendeu alcançar está a compreensão leitora em Língua Espanhola ensinada no Brasil. Por meio de uma mironga epistemológica, o curso desenvolvido visou romper com o eurocentrismo presente no ensino de idiomas, permitindo-nos refletir acerca da realidade colonial/moderna que racializa e marginaliza saberes não alinhados com o discurso eurocentrado.

Durante a realização do curso de curta duração, apresentamos diversas atividades de leitura e compreensão de textos, assim como vídeos que possuíam temáticas étnico-raciais e escritos a partir da América Latina, rompendo com o eurocentrismo presente nas aulas de língua espanhola, assim como dando voz e visibilidade a autores outrora deixados à parte nas instituições de ensino.

Caminhando devagar, com passos de pretas e pretos velhos, possibilitamos a defumação e limpeza do pensador através de atividades. Para isso, optamos por apresentar uma mirada crítica sobre a trajetória dos negros uruguaios e do Candombe, através da leitura da entrevista “Los afrodescendientes”, contida no livro *Multiculturalismo no Uruguai*<sup>9</sup> e do artigo “Candombe herencia africana en el Uruguay”<sup>10</sup>, na revista *Oralidad*<sup>11</sup>, elaborada pela Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura – UNESCO, os textos nos revelaram o olhar de Oscar Montaña, historiador, afrodescendente, pesquisador do Candombe Uruguaio.

Um dos objetivos dessas leituras se firmavam na apresentação da ancestralidade desde África, através de valores e memórias que permaneceram vivas através dos descendentes da diáspora africana presentes no movimento cultural Candombe. Nossos passos também tiveram como base o vídeo

---

<sup>9</sup> Montaña, Oscar D. Los afrodescendientes. Entrevistas concedidas a Lil Vera y Juan Cristiano. In: Arocena, Felipe. Aguiar, Sebastián. *Multiculturalismo en Uruguay*. Uruguay. Ensayo y entrevistas a once comunidades culturales. Ed. Tilces, 2007. p. 103 a 109.

<sup>10</sup> Candombe herança africana no Uruguai.

<sup>11</sup> Montaña, Oscar D. Candombe, herencia africana en Uruguay. *Oralidad*. UNESCO. Anuário 16/2009. p. 76 a 80.

“Tambores afrouruguaiois”<sup>12</sup>, produzido pela TV Caiçara e Canal Futura, narrado por Chabela Rodriguez, negra, educadora, cantora e diretora do coro Afrogama que, de forma breve, nos mostra a história dos negros afrouruguaiois e sua relação direta com o Candombe.

Esse momento foi proveitoso para promover discussões sobre os textos e retirar dúvidas acerca do vocabulário, pois o artigo trazia a descrição das mamás viejas e gramilleros. A utilização do vídeo foi de grande importância para que além de apresentar as questões históricas, as/os estudantes pudessem visualizar o movimento do Candombe e estimular a compreensão auditiva.

A partir das desconstruções epistêmicas ocorridas no terreiro de Umbanda, com o agô<sup>13</sup> da ancestralidade e dos conhecimentos oriundos dos estudos decoloniais, podemos construir outras práticas para que aconteça um aprendizado significativo para as/os estudantes que borrem as epistemologias que tem privilégio dentro dos espaços formais de saber.

Aldibênia Machado nos convida a percebermos que “Somos plurais, diversas, porém, um único povo. E a relação coletiva, o comunitarismo tecido pela ancestralidade é que permite o fortalecimento da nossa existência, que permite a resistência, a re-existência” (MACHADO, 2020, p. 32). Tais similaridades permitiram a construção de um projeto baseado na mironga desses ancestrais amefricanos<sup>14</sup>.

Eduardo Oliveira (2009, p. 03) nos convida a pensar que “cultura, doravante, será o movimento da ancestralidade (plano de imanência articulado ao plano de transcendência) comum a esses territórios de referência.” Podemos a partir da sabedoria dos ancestrais afrouruguaiois e afrobrasileiros, problematizar e “apreender o processo de construção da estrutura opressora, e as categorias e mitos que fundamentam tal estrutura. Permitindo-os também localizar-se no escopo dessa estrutura, deixando de ser aderentes passivos.” (PENNA, 2014, p. 291), seguindo os passos das nossas pretas e pretos velhos para continuar existindo e resistindo, mesmo em tempos sombrios.

---

<sup>12</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=od9gkuNmHbU>.

<sup>13</sup> Agô, no Iorubá, é um pedido de licença. Esse termo é muito utilizado nos terreiros de Umbanda.

<sup>14</sup> Para Lélia Gonzalez, a categoria de Amefricanidade incorpora todo um processo histórico de intensa dinâmica cultural (adaptação, resistência, reinterpretação, e criação de novas formas) que é afrocentrada.

## 6. FECHANDO A GIRA NA ENCRUZILHADA DAS LINHAS

Ao trazermos os arquétipos de pretos e pretas velhas do Candombe Uruguaio e da Umbanda como elemento de resistência para as discussões em sala de aula, podemos aproximar as culturas afrobrasileiras e afrouruguaias sob uma perspectiva americana, promovendo uma reflexão acerca do que nos une.

Ao trazer os arquétipos dos Gramilleros e das Mamas Viejas do Candombe Uruguaio nas aulas de Língua Espanhola, apresentamos a ancestralidade rememorando a importância dos anciões na manutenção da cultura negra no Uruguai e o mesmo ocorre quando apresentamos as Pretas Velhas e Pretos Velhos da Umbanda, pois possuem um papel fundamental na base dessa religião.

A partir desse ponto não importa saber se essas memórias fazem parte do sagrado, como na Umbanda ou no profano como hoje é o Candombe. Importa levar a herança histórico-cultural (as histórias, crenças, tradições, costumes) desses povos que se mantiveram vivos através desses espaços, assim como a valorização desses saberes que eram marginalizados pela sociedade.

Ao trazer para a educação formal essas manifestações culturais onde a figura do negro está como protagonista, podemos despertar no educando uma perspectiva positiva da sua origem. Ele poderá se identificar com papéis que permaneceram ou reviveram como destaque. Não ficará atado a perspectiva colonizadora onde o negro não tem conhecimento, sabedoria e cedeu a todos os abusos da escravidão. Perceberá a importância de resistir e de reconhecer sua identidade negra.

Trazer esses registros outrora informais para as classes de Língua Estrangeira faz com que a realidade histórico-cultural brasileira seja aproximada a de outro país, retirando a visão estereotipada e excludente que temos sobre a formação da pluralidade cultural brasileira e uruguaia. Dessa forma, podemos também retirar do processo de exclusão as marcas identitárias sociais, linguísticas e históricas africanas que ainda existem em nossa sociedade, além de estimular a/o estudante na busca e compreensão da reafirmação da sua identidade.

## NOSSAS GUIAS (REFERÊNCIAS)

CASTRO, Yeda Pessoa de. Das línguas africanas ao português brasileiro. **Revista Afro-Ásia**, exemplar de número 14.1983. p. 81 a 103.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. In: **Tempo Brasileiro**. Rio de Janeiro, Nº. 92/93 (jan./jun.). 1988b. p. 69 a 82.

MACHADO, Aldibênia Freire. Filosofia Africana desde saberes Ancestrais Femininos: bordando perspectivas de descolonização do Ser-Tão que há em nós. **Revista da ABPN**, v. 12, n. 31, jan – fev 2020.

MONTAÑO, Oscar D. Candombe, herencia africana en Uruguay. **Oralidad**. UNESCO. Anuário 16/2009. p. 76 a 80.

MONTAÑO, Oscar D. Los afrodescendientes. Entrevistas concedidas a Lil Vera y Juan Cristiano. IN: Arocena, Felipe. Aguiar, Sebastián. **Multiculturalismo en Uruguay**. Uruguay. Ensayo y entrevistas a once comunidades culturales. Ed. Tilces, 2007. p. 103 a 109

OLIVEIRA, Eduardo David de. Epistemologia da Ancestralidade. **Entrelugares** Revista Eletrônica de Sociopoética e abordagens afins, v. 1, n. 2. Mar./ago. 2009.

OLIVEIRA, Eduardo David de. Filosofia da ancestralidade como filosofia africana: Educação e cultura afro-brasileira. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**. n. 18, maio.-out. 2012, p. 28-47.

PENNA, Camila. Paulo Freire no Pensamento Decolonial: Um olhar pedagógico sobre a teoria pós-colonial Latino –americana. **Revistas de Estudos e Pesquisas sobre as Américas**, v. 08, n. 2, p. 181-199, 2014.

RICHARDS, Sarah Yáñez. **Mama Vieja y Gramillero, íconos ancestrales que reviven en el Carnaval Uruguayo**. Disponível em: <http://laconexionusa.com/noticias/>. Acesso em: 20 out. 2019.

SERRA, Ordep. No caminho de aruanda: a umbanda candanga revisitada. **Revista Afro-Ásia**, n. 25-26. 2001, p. 215 a 256.

TV Caiçara e Canal Futura. **Tambores afrouruguaiois**. Youtube, 25 ago. 2019.  
Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=od9gkuNmHbU>. Acesso em: 25 set. 2019.